



**CONTRA OS OPORTUNISTAS**

**POR UMA LINHA DE MASSAS**

1- O N.E. é um local privilegiado para o aparecimento dos mais diversos desvios oportunistas. As razões fundamentais desse facto obtêm a explicação devida, através da caracterização do grupo estudantil, cuja origem de classe se situa no essencial nas camadas da média e grande burguesia. Este facto, aliado à situação de grande isolamento em que se encontram os estudantes, à marginalidade da sua situação que transforma o mundo universitário num microcosmos específico, justifica em grande parte a combatividade do N.E., mas também algumas das suas debilidades fundamentais. Entre estas, o problema caótico de concepções erradas sobre o papel das lutas estudantis na transformação do país, pondo perigosamente em causa, na prática, a importância que estas assumiram, que assumem, que virão a assumir. É possível caracterizar no essencial os desvios que mais próximo têm podido ser detectados e cuja influência perniciosa é mais actual. Estes são os objectivos deste tra alho.

## 2- UMA INTERPRETAÇÃO MECANICISTA DA UNIVERSIDADE

A incompreensão do papel histórico das lutas estudantis caracteriza no essencial tais grupos. Uma interpretação mecanicista da estrutura universitária e das suas contradições conduz à concepção da Universidade como um espelho grotesco do país. Para essas concepções as contradições entre exploradores e explorados deverão ter uma contrapartida exacta na Universidade e as explicações teóricas que denunciam tal realidade a nível nacional deverão aplicar-se tal qual à Universidade. Este absurdo leva, por exemplo, a considerar a luta contra as faltas da Faculdade de Direito, como a luta, em sentido estrito, como a classe dominante, levada a cabo pela classe proletária (?) os estudantes. Independentemente das faltas reflectirem por si só concepções de classe o que dificilmente será explicável historicamente, o essencial, o que esses colegas não sabem aperceber é que as faltas, na Faculdade de Direito, reflectem agudamente, não contradições de classe, mas contradições específicas no sentido de que não permitem generalizações fáceis numa Universidade localizada, a de Coimbra, num tempo real que é o nosso.

A Universidade é uma instituição política e ideológica a servir um sistema, e por conseguinte os problemas da sua sobrevivência decidem-se muito para além dela. A nível histórico social aquilo que a contradiz no fundamental está fora dela e nunca teve nem tem presentemente acesso à Universidade. Nem a luta ideológica que por ventura aí se trava permite distorções

tão absurdas da realidade, a não ser que se considere que é ao nível da ideologia que se produzem as transformações históricas essenciais.

O exemplo das faltas na Faculdade de Direito, serve para explicar que as lutas no seio da Universidade são resultado de contradições aí existentes cuja caracterização não se compadece com transcrições mecânicas da análise de outras realidades. Falar por exemplo de luta contra os conteúdos classistas do ensino significa falar da luta ideológica que também se trava na Universidade através de imprecisões do mesmo tipo. Mas nem estas foram lutas importantes dos estudantes de Coimbra. Não deixa todavia de ser interessante referir a fascinação que tais lutas exercem em algumas mentes, pela fácil transposição de palavreado que consentem. Aliás, todas as concepções deste tipo são perfeitamente incapazes de perceberem as lutas iportantes, as que se travaram de 69 a 71 e as que se travam hoje, porque não podem ser compreendidas à luz de esquemas tão estritos.

Lutar pelos interesses dos estudantes, lutar pela abertura da Associação, lutar por melhores serviços, por facilidades pedagógicas maiores, lutar pelo livre funcionamento das estruturas sindicais, lutar contra a prisão de estudantes, contra as vagas repressivas, para só falarmos do âmbito da luta associativa, é inútil, a não ser que tais cabeças súbitamente descubram que se está a lutar contra a classe dominante.

Esses colegas nunca compreenderam a luta sindical estudantil na sua globalidade e nunca a compreenderam por obviamente as Associações não poderem ser os exemplares defensores de interesses que não são propriamente os seus. A fascinação de tais oportunistas pelas palavras esbarra contra um evidência: os estudantes não pertencem às classes exploradas. Os estudantes são pelo contrário uma camada privilegiada da população portuguesa. Incapazes de conciliarem tal facto com as suas teorias, não hesitam em propor a destruição das associações dos estudantes, ou prosseguem na prática tal objectivo.

Não há que concluir desta análise que as lutas estudantis não têm papel profundamente progressivo e transformador da sociedade portuguesa, tal como se tentou provar que não são as distorções ideológicas, que por milagre lhe atribuem esse papel, também se deve concluir que a caracterização de classe dos estudantes e a função desempenhada pela Universidade, não constituem anátemas que impeçam toda e qualquer valorização do M.E.. Simplesmente a perspectiva pela qual ela pode ser realizada deve ser outra radicalmente diferente.

Por um lado há que referir que a luta pelas estruturas democráticas, por uma autêntica representatividade estudantil, assim como a luta contra a repressão, assumem por si sós, e imediatamente, um carácter progressista, neste país e neste tempo.

Por outro lado, ninguém nega que, não sendo as associações organizações políticas nem religiosas, no sentido em que não têm outro credo religioso nem promovem um programa dito político, ninguém nega, dizia-se, que as lutas havidas pelas associações, assumem claramente importância política para o país. Este é o ponto de vista que possibilita compreender a sua inserção numa realidade que as engloba, que as excede e com a qual realidade se entrelacionam dialécticamente e não apenas copiam o mal.

Por fim, o importante papel na formação política dos estudantes que se constrói na prática de luta de massas, nas suas vitórias e derrotas, na progressiva definição teórica que exige e não no academismo cada vez mais chato de todos os verbalismos pseudo-politizados.

#### 3- UM CONCEITO ELITISTA DE VANGUARDA ESTUDANTIL

O movimento estudantil é um movimento dos estudantes. De todos os que sentam que têm interesses comuns a defender e um papel a desempenhar na vida da Universidade e na vida nacional. As massas estudantis não podem ser objecto das intenções de qualquer grupo mais esclarecido. Pelo contrário a democraticidade do movimento exige-lhes um papel de sujeito. Sujeito ao definir as suas reivindicações e os seus programas, sujeito ao escolher os seus dirigentes, sujeito ainda ao decidir das formas de luta e de organização.

Assim não entendem alguns. Constituídos em franja graças à sua "melhor preparação" vêm de fora do movimento de massas para o dirigir para lhe dar a consigna exactamente revolucionária, para o pôr de acordo com os interesses dos trabalhadores que eles só (e também o ministro Veiga Simão) interpretam.

Finalmente os oportunistas anti-associativos últimamente surgidos em Coimbra têm uma noção policial da vanguarda estudantil, que o mesmo é dizer, vêem os estudantes como um rebanho: os dirigentes "cobinham resoluções" confectionam crises" trazem as propostas no bolso". Eliminam-se pois os dirigentes e mudam-se súbitamente os interesses dos estudantes.

sível, quer o declarem claramente, quer mistifiquem as suas verdadeiras posições. Se as A.A.E.E. estão encerradas iludem a luta pela sua abertura, ignoram tal facto como se não existisse, como se o M.A. fosse alguma coisa sem as Associações dos estudantes. Se as Associações estão abertas, dificultam toda a vida sindical, reivindicam um lugar à frente, uma situação de favor, a possibilidade de editarem todos os textosinhos que consideram imprescindíveis, definem-se por uma prática fora das movimentações massivas inteiramente desviada da vida associativa das massas estudantis. Se é dado o caso de desempenharem papéis directivos nas A.A.E.E., é manifesta a ausência de vida associativa, a burocratização excessiva que impõem nas associações, que não andam nem desandam, que se transformam por fim em organizações fechadas, inúteis e desconhecidas da maioria dos estudantes. Nestas alturas, as Associações, em vez de estruturas a lutarem pelos interesses colectivos dos associados, formam-se em locais privilegiados para processos internos, para lavagens intermináveis de roupa suja, para toda a espécie de manobras de diversão.. Desarmadas pela inutilidade crescente das associações, os estudantes não confiam mais nos seus dirigentes, descuram a coordenação das lutas parcelares que se travam, vêm-se impossibilitados de desenvolver processos de luta pelos seus interesses reais e unitários.

Para tais oportunistas, os princípios da estruturação sindical, tais como unicidade, democraticidade, luta de massas, tornam-se na prática letra morta, mas dá-da a maneira como por vezes as invocam parece quererem fazer-se passar por seus paladinos.

Os interesses sentidos pelos estudantes merecem a tais oportunistas o mesmo desprezo. Ignoram-nos e iludem-nos sistemáticamente. Não hesitam em aproveitar-se das movimentações de massas que têm claramente definidos os seus objectivos e os seus métodos de luta, para levarem a cabo actos isolados que pretendem confundir com as lutas reais. Os estudantes de Coimbra têm já uma longa experiência deste tipo de provocações, sempre com consequências graves para o prestígio do M.A. e viram por exemplo as greves de 1971 que se fizeram contra a repressão, decididas em A.M. por milhares de estudantes, serem consideradas lutas antireformistas e anti-guerra colonial pelas mesmas pessoas que se abstinham nas votações de greve e que deturpam o sentido das votações unitárias, confundindo-as com palavras de ordem como as referidas. Outro exemplo: tendo os estudantes de Coimbra aprovado unânimemente a proposta de encontro nacional contra a repressão em 1971, isso não impediu vários desses oportunistas de sabotarem todas as tentativas de levá-lo a efeito, ocorrendo, inclusivá, a dar falsas informações sobre essa

proposta de Coimbra, a um Plenário de Porto. Os oportunistas jogam melhor fora de casa.

#### 5- MÉTODOS DE ACTUAÇÃO OPORTUNISTAS

Um inventário dos métodos de actuação reflectiria o carácter elitista dos grupos oportunistas, o seu isolamento, o saltitar nas propostas de organização, a incapacidade de comprometimento numa linha de massas.

Eis alguns exemplos:

- a organização do grupo de estudo, vistos como panaceia para todas as ocasiões.
- uma vocação para parlamentarismo nas estruturas associativas.
- uma preferência por reuniões incharacterísticas (meetings, colóquios) longe das massas e longe das decisões.
- a intervenção em comentário. Após os acontecimentos publicam a sua visão professoral. Característica do espectador.
- provocações que atingem muitas vezes aspectos extremamente graves como o recente espancamento a um colega da direcção da Faculdade de Medicina de Lisboa.

#### 6- ATRAVES DUMA UTILIZAÇÃO EMBLEMÁTICA DE UMA TEORIA OS OPORTUNISTAS IMPEDEM O AVANÇO DA CONSCIÊNCIA ESTUDANTIL

Estes estudantes recusam as análises concretas das situações concretas, a todo o momento repetem as mesmas teses sobre os objectos mais diferentes. Abordam tudo sem rigor, desconhecem uma metodologia que tenha em conta o que cada situação traz de novo para os estudantes e para os seus inimigos, as modificações que cada situação acarreta no seio do Movimento Estudantil, as respostas a dar no plano de organização. São superficiais e parciais. Fascinados pelo poder crescente duma classe que admiram, desconhecem e temem, utilizam a terminologia de uma teoria fecunda (a única) na análise da realidade. Mas é puro exibicionismo o que fazem. Obscados pelo geral desprezam o particular, os problemas reais dos estudantes e da sua condição. E como nunca sobre eles se interessam de facto, a sua intervenção fica no enunciado de abstrações que nada têm a ver com o que se passa. O geral não serve para elucidar o aspecto particular mas para o confundir. Conhecem uma teoria: em lugar de fazerem dela enzada para ultrapassarem as suas insuficiências e enveredarem, por uma prática correcta, utilizam-na como emblema. E os estu-